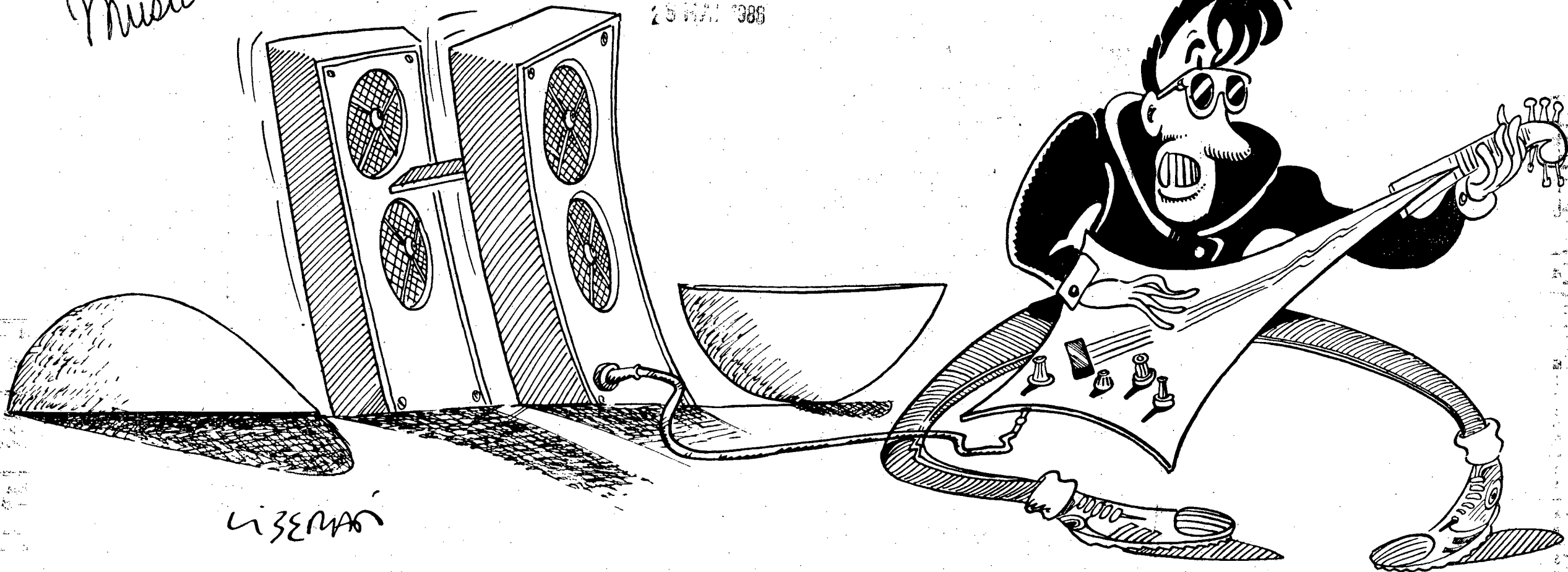




A explosão do rock em Brasília

Brasília seria a capital do rock? Centro do poder, sem praia, muito tédio, alguns dizem que o rock não poderia ter estímulo maior. Garotos desconhecidos saíram de Brasília e hoje são estrelas — Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial. Proliferam os novos grupos, de variadas tendências — “rock resistencial”, afro-funk, como o já famoso Obina Shock, rock-pauleira, heavy metal —, e a Funarte anuncia para junho uma semana só de rock, com os grupos Detrito Federal, Beta Pictoris, Padrão Social, Atentado ao Normal, Rock Fusão, Clínica Geral, Liberdade Condicional e Grupo DC-10. Com explicar essa explosão?

Margaret Cunha

BRASILIA — Uma feira de um só produto: é a Feira Semanal de Música, que pelo menos na estreia mostrou apenas rock — mas todo tipo de rock... no primeiro dia, tocaram cinco bandas que estão começando a aparecer por aqui: Habeas Corpus, Atentado ao Normal, Rock Fusão, Delirium Tremis e Excalibur.

No palco, gente mais jovem do que Brasília, uma capital que nasceu depois do rock. Com menos de 20 anos, os roqueiros brasiliense se miram no exemplo daqueles que saíram daqui (quase desconhecidos na cidade) e hoje são estrelas no Brasil inteiro, como é o caso do Paralamas do Sucesso, da Legião Urbana, da Plebe Rude e da Capital Inicial.

Seria Brasília a capital do rock? A Fundação Cultural já contou 200 bandas na cidade. Bernardo, 23 anos, vocalista do conjunto Escola de Escândalo, acha que das 200 bandas, 50 são boas. Na verdade, os grupos que estão explodindo agora em Brasília não são tantos: Detrito Federal, Arte no Escuro, Elite Sofisticada, Escola de Escândalo, Liberdade Condicional, Banda 69, Finis Africae e Obina Shock são os mais quentes.

Os meninos de Brasília estão fazendo rock para todos os gostos — desde o reggae do Habeas Corpus, passando pelo rock instrumental do Excalibur, até o funk africano do Obina Shock. Na fábrica de sons, há também uma grande variedade de operários: tem o metalero rico, filho de diplomata, filho de ministro e filho de alto funcionários e tem até o punk da periferia. O roqueiro rico importa o que há de melhor e veste o preto e o cinza de Londres. O roqueiro pobre se vira com a simples guitarra Rei e a pior bateria, a Aerosom.

Por trás de tanto barulho, existe muita história que revela toda uma geração — como foi a vida da mocada brasiliense durante o governo militar. Ivan Sérgio, jornalista, 32 anos, lembra que no começo dos anos 70, ele tinha uma banda chamada Carência Afetiva e fazia uma espécie de rock marginal: “as músicas não tinham nada a ver com nada, a droga era quase tolerada, o proibido era fazer passeata. O garotão podia fumar maconha no gramado, fazia música louca, mas se entrasse numa passeata, o pau rolava solto. Era tempo do Médico”. Ivan acha que o rock começou em Brasília naquele tempo para agredir a repressão política: “Fazíamos muito barulho, altos solos e guitarra, os vizinhos ficavam desesperados...”

Hoje o rock de Brasília é um pouco diferente, na opinião do diretor de teatro José Fernandez: “A garotada quer é cantar a realidade. Vejo meninos de 16, 17 anos, que não sabem tocar duas notas na guitarra mas formam conjunto e fazem música com letra inteligente para criticar o que está aí”. Fernandez acha que Brasília dá rock porque é o centro do poder e para ele rock é uma arma de protesto: “Brasília é o lugar onde tem mais guerrilheiros”, afirma o diretor de teatro.

Cascão, 20 anos, estudante de direito e líder do grupo Detrito Federal,

chama a música dele de “rock resistencial” e cita como exemplo os versos que acaba de escrever: “O viros do Ipiranga não é mais do que um vício. Salve, salve, pátria terra, bandeira sem cor, idolatrada geração do medo. Nossos lindos bosques têm mais horrores, salve, salve. Entre outras mil, meu coração servil cospe granadas nos meninos do Brasil” (relembre a música do no Brasil para encerrar a paródia do Hino Nacional).

Mas não é só protesto que gera tanto rock na capital. Os rapazes do Excalibur formaram a banda porque gostam de tocar e acham que a cidade dá tempo para se estudar mais. Eduardo, 20 anos, estuda música desde os sete. Mauricio, 15 anos, também. Aliás, o trio do Excalibur dá aulas de guitarra, bateria e violão para mais de 100 alunos. O Excalibur quer agradar a todos. Toca, por exemplo, Mania de Você, da Rita Lee, de tudo quanto é jeito... Começa com rock tradicional, depois vai para o som baiano de afoxé, passa para o rock’n’roll, samba e acaba em heavy metal, o rock pauleira. Mac William, 20 anos, baterista, afirma que a banda não tem nada para criticar, não tem nem cantor, é só instrumental.

Outra explicação para o rock de Brasília: “Esta cidade é puro tédio. Não temos praia, o que vamos fazer?”, simplifica Marcelo Matias, 17 anos, guitarrista do Atentado ao Normal, um grupo que nasceu numa trininha de garotos que gostavam de tocar violão no pátio do edifício. Já Rogério Lopes, 18 anos, baterista da Elite Sofisticada, dá outro motivo para se fazer rock na cidade: “Aqui, se o cara não tá apostando ‘pega’ ou desfilando roupa no Lago Sul, tem é que vir para cá, para este prédio, ensaiar...”

Realmente, existe em Brasília um prédio onde as bandas de rock ensaiam todas as noites — é o Rádio Center, com quatro andares e 492 salas. Dois conjuntos costumam dividir uma sala mínima, mal iluminada. Com uma janela pequena. De dia, o edifício é de médicos, dentistas, advogados, imobiliárias, malhadores de ginástica e de massagem. A partir das 20h, liberdade para os solos e acordes dos roqueiros... O som — afinado ou não — passa pela porta trancada da sala minúscula e sacode o edifício da Asa Norte de Brasília até meia-noite. Vizinhos são poucos. Por ali só existem bares e a TV Globo. As pessoas já se acostumaram com o barulho dos roqueiros, mas o síndico, Seu Macedo, não se conforma e acusa os meninos de começarem o rock sempre antes da hora...

O jornalista Ivan Sérgio acha que o brasiliense gosta de rock para fazer barulho, para ocupar o imenso espaço da cidade. O pessoal do grupo Escola de Escândalo discorda: “Não tem essa de que o tédio de Brasília provoca rock”, diz o vocalista Bernardo.

O companheiro de Bernardo, Geraldo, 23 anos, baixista do grupo, conta que no fim dos anos 70, enquanto todo mundo em Brasília ia dançar na discoteca, o grupo deles ia para o lugar onde moravam os professores da universidade, a UNB. O lugar era conhecido como Colina. Lá, os filhos dos professores e os filhos de diplomatas se encontravam para trocar notícias que vinham de fora — novidade em termos

de música inglesa e música americana. “Foi aí que apareceram os punks de Brasília” — recorda Geraldo. “A filosofia punk pregava que a pessoa que estava no palco era igual à pessoa que estava na platéia, por isso tomamos coragem e formamos conjunto”.

Militão Ricardo, 22 anos, ex-baterista da Banda 69, confessa que ele e os colegas nem sabiam tocar mas iam para a universidade fazer música: “A gente aprendia dois acordes, formava a banda e ganhava força dos professores. No centro de arquitetura, se faz até hoje festa com os conjuntos novos de rock, é sempre uma surpresa”.

Um dos conjuntos que nasceram na universidade foi o Obina Shock, banda já conhecida no Rio, que vai gravar o primeiro disco. Lá no campus da UNB, se conheceram: Jean-Pierre Senghor, neto do ex-presidente do Senegal, Leopold Senghor, Henrique Hermeto, mineiro de Belo Horizonte, o brasiliense Mauricio Lagos, o carioca Hélio Franco, e Roger Kedi, que veio do Gabão. Mais tarde, os cinco amigos descobriram mais três companheiros: os diplomatas Tida Couto, brasiliense, Winston, do Suriname, e o estudante brasiliense Sérgio Galvão.

Dessa mistura de sul-americanos e africanos surgiu o Obina Shock, que em dialeto “miene” quer dizer “dança quente”. A banda começou há dois anos, fazendo shows em embalagens. Hoje, apresenta-se em teatros e boates de Brasília e do Rio (deu concerto para os cariocas em abril, na boate Metrôpolis).

O som, fusão de ritmos negros como eles dizem — desde o jazz, o reggae até o afrofunk — conquistou Gilberto Gil. No primeiro disco do Obina — que será lançado depois da Copa — Gil participa de três músicas, entre elas, a Afrikaner Brother Band, uma crítica ao regime racista da África do Sul.

Os oito rapazes do Obina já podem se considerar famosos e agradecem por morar em Brasília. “Se fosse no Rio, a gente estaria na praia, não ia se conhecer, nem teria banda”, brinca Jean-Pierre Senghor. O conjunto gosta muito da capital mas avisa que em pouco tempo viajará para o exterior. Talvez para o Suriname, talvez para a França.

Na fábrica de sons do rock brasiliense há todo tipo de experiência: o reggae do Habeas Corpus, o instrumental do Excalibur e o funk africano do Obina Shock.

Nem todos os roqueiros de Brasília têm a mesma sorte... O produtor de disco Isnaldo Lacerda se queixa das rádios e dos empresários brasilienses. Ele diz que em julho do ano passado batalhou muito para lançar um disco independente — o Rumores, com as novas bandas de rock da cidade. “Ninguém deu força, fizemos distribuição artesanal, e o disco acabou na lista dos 10 melhores do ano, segundo a crítica do Jamari França, do JORNAL DO BRASIL. Hoje o disco está esgotado, mas em Brasília ninguém liga...”

A mágoa do produtor Isnaldo é dividida por muitos roqueiros daqui: Ricardo Militão, ex-Banda 69, está formando um outro grupo, Os Ladrões, mas jura que vai para o Rio de Janeiro ano que vem: “Aqui, músico e artista não tem vez, ninguém patrocina. Os empresários só dão força para quem vem de fora. Se vier o RPM, todo mundo apóia, conjunto daqui não tem ajuda...”

Cascão, líder do Detrito Federal, ironiza: “As pessoas até cuspiam na gente, mas, depois que aparecemos no programa Mixto Quente, da TV Globo, a rapaziada de Brasília passou a gostar do Detrito Federal, e agora as rádios tocam nossa música...”

“As bandas que fazem sucesso no Rio e em São Paulo, como Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, penaram em Brasília”, critica o diretor de teatro José Fernandez.

Se é difícil ter o apoio dos empresários, como dizem, os roqueiros de Brasília vivem atrás de platéia. Por isso, procuram tocar em bares e, ao ar livre, se falta platéia, pelo menos eles tem a “tribo”, como costumam chamar a turma de amigos e de tíetes. Geraldo,

baixista do grupo Escola de Escândalo, garante que teve a primeira tribo de Brasília: eram 16 rapazes que tocavam, mas, em volta deles, andavam umas 200 pessoas. Isso no fim dos anos 70: “Nós vivíamos isolados do resto da cidade, só pensávamos em rock...”

Cascão, do Detrito Federal, que já foi do Ratos de Brasília, seis anos de rock, 20 de vida, acha que na cidade há dois tipos de rock: o das tribos, de músicos que trocam informação, que trocam experiência e o rock feito pelo que ele chama de “bandinhas”. Cascão sentencia: “Tão fazendo muito rock aí, virou coisa de concurso, não tem nada a ver com o rock de Brasília, o rock protesto, o rock resistência”.

O produtor de disco Isnaldo Lacerda afirma que só agora o rock de protesto do Detrito Federal, depois de três anos e meio de idade, é reconhecido em Brasília, desde o subúrbio até o aristocrático Lago Sul. Segundo Isnaldo, o último show que o Detrito deu na cidade, em abril, foi visto numa só noite por 800 pessoas. E as crianças do subúrbio já estão cantarolando versos do grupo como “eu não pago água, eu não pago luz...”

Rock-resistência, rock-pauleira, rock-reggae... pouca força, descaso... as queixas e as paixões dos roqueiros de Brasília vão longe. “A cada dia brota uma banda”, anima-se o diretor do Teatro da Praça de Taguatinga, José Fernandez “Tem menino de 12 anos que entra na loja para comprar corda de guitarra, tem menino de 16 anos, como do conjunto Ditadores da Corrupção, que ainda não tocam direito mas querem fazer por isso compõem”.

O caso de Militão Ricardo, 22 anos, estudante de comunicação da UNB, é um exemplo: ele deixou de ser baterista da Banda 69 (que está para gravar o primeiro disco agora) para poder cantar as músicas que faz. “Eu tinha muita coisa para dizer, hoje completo 15 letras, são versos deste tipo: De política, eu não tenho prática, ninguém tem ética, só tenho dúvidas. Você acredita que o mundo ainda pode mudar mas com as regras com que jogamos nunca ninguém vai achar...”

O grupo Escola de Escândalo já se dá ao luxo de dizer que não faz música crítica porque não tem do que se queixar. “Todo mundo aqui tem vida boa”,

conclui Bernardo, filho de professor que morou na Inglaterra. Não era bem isso que cantava no Teatro Galpão, na última segunda-feira, o Habeas Corpus. A banda dizia: “Ditadura que é de civil, que é de militar, não posso mais dormir, tenho que trabalhar...”

Na platéia, a crítica era mal recebida pelos metaleiros, liderados por Podrão, ex-integrante do Detrito Federal. Podrão e companhia se consideram anarquistas, vestem uma camisa negra com um grande A da anarquia. Na feira de música, eles procuravam fazer na arquibancada mais barulho do que os instrumentos no palco.

O rock é assim mesmo em todo lugar. Contestação, alienação, fuga, protesto, agressão, até poesia. Em Brasília, os caminhos também são estes. Só que o cenário é mais favorável. A cidade é o centro do poder, as pessoas têm mais tempo e mais espaço e o som pesado de um ensaio não chega a perturbar o vizinho.

Márcio Rodrigues, desenhista e ex-roqueiro, aposta: “Brasília no futuro vai ser conhecida como a capital do rock, a cidade do Detrito Federal, da Legião Urbana, da Plebe Rude”.

Uma cidade que nasceu no embalo da bossa-nova, dos anos dourados cariocas de 50, gera sons e versos que contagiam as tribos de cidades tradicionais, como Rio e São Paulo.

E Brasília promete mais: a Funarte vai fazer na cidade uma semana de rock — do dia 12 de junho (quinta-feira) até o dia 15 de junho (domingo). Dois grupos se apresentam por noite. Os oito são: Detrito Federal, Beta Pictoris, Padrão Social, Atentado ao Normal, Rock Fusão, Clínica Geral, Liberdade Condicional e Grupo DC-10.